



Orientação Educativa

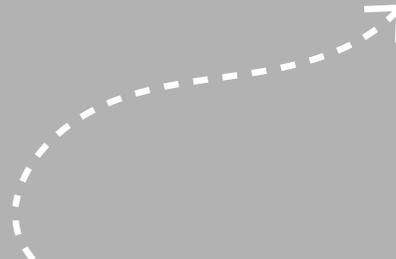
Registros de um percurso de formação

Organização: Dra. Silvana Corbellini

Especialização em
orientação
educacional



UFRRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL



Copyright © 2021 by Sivana Corbellini (Organizadora).

Todos os direitos para o BRASIL e países de língua portuguesa reservados e protegidos pelas leis em vigor, em cada um deles, sobre DIREITOS AUTORAIS a Sivana Corbellini (Organizadora).

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Arte final: Priscila Evangelista

Capa: Gráfica da UFRGS

Revisão: Priscila Evangelista

Diagramação e Produção Gráfica: Forma Diagramação

Impresso no BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O69

Orientação Educacional: registros de um percurso de formação / Sivana Corbellini, organizadora. – Porto Alegre: Formadiagramação, 2021.

192 p.: il.

ISBN 9786599194122

1. Orientação pedagógica. 2. Professor. 3. Pedagogia. I. Corbellini, Sivana. II. Título.

CDU 37.013

Bibliotecária Responsável: Ana Cristina Theis Parnoff CRB – 10/2542

A APRENDIZAGEM E A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Darli Collares

Resumo

O presente texto trata de questões vinculadas à organização, conteúdo e dinâmica da disciplina “Aprendizagem: teorias e processos”, estabelecendo relações com ações da Orientação Educacional (OE), em especial no contexto escolar. Nessa perspectiva, destaca-se a relevância do conhecimento e da presença deste profissional, inclusive, e, sobretudo, em momentos de crise como a estabelecida pela pandemia do Covid-19. Concluindo, reflete-se a proposta da própria disciplina, projetando-se possibilidades de seu oferecimento em novas edições do curso de Especialização em OE.

Palavras-chave: Orientação Educacional; Interação; Fórum; Momentos de Crise.

A disciplina

Constituindo o universo de treze disciplinas voltadas à especialização de profissionais da educação na área de Orientação Educacional, a disciplina “Aprendizagem: teorias e processos” foi oferecida no início do curso de forma simultânea à disciplina “Teorias do Desenvolvimento”, permitindo a interlocução entre os conteúdos, teorias e teóricos abordados. Sua proposta foi a de promover o acolhimento da OE como presen-

ça imprescindível na busca de estratégias de apoio à docência e à dis-
cência em suas aprendizagens, construindo, ela própria, aprendizagens
cujo conteúdo diferencia-se das demais, respeitando e acolhendo suas
singularidades.

Tendo o Código de Ética dos Orientadores Educacionais do Brasil
(FNOE¹, 1979) como apoio, buscou-se uma vinculação possível entre os
conteúdos abordados e a constituição da figura de OE, uma vez que es-
ses conteúdos viriam a seguir na organização do curso, o que impôs
alguns desafios interessantes, como será possível verificar-se ao longo
do texto.

A organização das propostas centrou-se em atividades que promo-
vessem a interação entre pares, o debate e a reflexão no ambiente virtu-
al de aprendizagem, MOODLE institucional, bem como a construção de
uma prática nova no exercício de colocar-se no lugar de OE a partir da
reconstrução dos conhecimentos sobre aprendizagem construídos no
curso de graduação, o que implica remeter estes conhecimentos a um
patamar diferenciado.

Os fóruns como espaços de interlocução

Para o desenvolvimento das atividades, o Fórum constituiu o espa-
ço eleito para o compartilhamento da compreensão construída a partir
dos textos e vídeos propostos por representarem momentos promisso-
res de construção coletiva. Num fórum, cada participante propõe um
tema para debate, vinculado ao que leu e assistiu, e participa dos deba-
tes propostos pelos colegas.

No interior do MOODLE, ferramenta de apoio utilizada pelo curso,
cada Fórum assume uma particularidade especial e exerce múltiplas
funções. Dessas, destaco três:

1ª função: ser um espaço no qual se postam as sínteses feitas indi-
vidualmente, o que lhes atribuirá, por vezes, um caráter de justaposição,
pois haverá semelhança nas ideias destacadas, uma vez que essas sín-
teses referem-se a contextos lidos por todos. No entanto, sua riqueza
é instigante, pois dá visibilidade à forma como cada colega construiu a

¹ Federação Nacional dos Orientadores Educacionais do Brasil

sua síntese, ou destacou ideias consideradas [por ele] relevantes, transcrevendo-as literalmente no fórum, o que pode remeter à dúvida e à releitura.

Temos de estar prevenidos para o fato de que raramente um texto se entrega facilmente à curiosidade do leitor. Por outro lado, não é qualquer curiosidade a que penetra ou se adentra na intimidade do texto para desnudar suas verdades, seus mistérios, suas inseguranças. Mas, a curiosidade epistemológica – a que, tomando distância do objeto, dele se “aproxima” com o ímpeto e o gosto de desvelá-lo. E essa curiosidade fundamental ainda não basta. É preciso que, servindo-nos dela, que nos “aproxima” do texto para seu exame, a ele nos demos também ou a ele nos entreguemos (FREIRE, 1995, p.29).

O Fórum, nesta perspectiva, torna-se um exercício de acolhimento e alteridade de extrema importância ao exercício da Orientação Educacional.

2ª função: ser fonte de consulta, em especial quando se buscar um ponto de apoio para melhor compreender o que foi lido; ter-se uma ideia de como fazer a sua síntese ou se estar buscando pontos de referência, se, por acaso, pensar-se que se leu o texto e não se entendeu nada. Poder contar com as sínteses dos colegas para melhor compreender o tema abordado ou mesmo para ter uma ideia do conteúdo do fórum remete o sujeito à contextualização, rompendo a prática de postagem ou entregas individuais de trabalhos que serão lidos apenas pelo professor que o solicitou.

Fazemos parte de um universo e não aprendemos sozinhos. Com isso, construímos estruturas capazes de permitir que nossos alunos e colegas troquem ideias, formem opiniões, reflitam sobre o que estão fazendo. Segundo Camas (2012, p. 59):

A maior importância no ensino e aprendizagem não deve estar na memorização das informações, mas na independência intelectual que um indivíduo conquista com a educação. Leitores críticos olham para além da língua e dos meios que a utilizam e a disseminam, olham para ver as razões, e assim, tornam-se conscientes para aceitarem ou não os argumentos de um autor, criarem, negarem, provarem.

Este exercício de ler o que os colegas postaram antes mesmo de ler ou assistir o que está sendo objeto das sínteses, oportuniza a aprendizagem de romper-se, na escola, uma prática que, muitas vezes, faz com que os alunos não permitam que colegas vejam o que estão fazendo, ou, então, queixem-se aos professores de que o colega “está copiando” sua ideia. Além disso, auxilia na construção de autoria, diferenciando sua ideia da ideia de quem escreveu o texto ou a síntese. O convite à reflexão, ao pensar sobre, é uma prática que deve sustentar as ações da OE.

Ler as sínteses que os colegas colocaram no fórum equivale a ler um texto com marcações ou observações feitas às margens dele, ou ver um vídeo já comentado em seus destaques. Nesse aspecto, diria que a leitura das postagens promove uma experiência de colocar-se no lugar do outro, construindo uma compreensão coletiva a partir dos destaques de leituras individuais, podendo remeter a questões que não foram destacadas.

Essas postagens contêm questões relevantes e demonstram a compreensão de cada pessoa, o que as tornam significativas. Isso, antes de tirar a atenção do texto como um todo, pode provocar dúvidas e desequilíbrios a respeito do que pensávamos ter entendido. Pode-se discordar por não se considerar as marcas feitas como relevantes, retomando-se o texto e abrindo possibilidades de diálogo com quem o fez.

3ª função: ser um espaço de diálogo para compartilharem-se dúvidas, discordâncias, concordâncias, recomendações de outras fontes de leitura e compartilhamento de vídeos que enriqueçam os debates e as compreensões em construção até o momento da postagem.

Aprende-se, lamentavelmente, na escola, que perguntar é anúncio de erro (quando feita pelo professor ao aluno) ou não compreensão (quando feita pelo aluno ao professor). No entanto, a pergunta expressa curiosidade e desejo de saber mais. E dúvida só tem quem sabe algo; quem quer saber melhor. A compreensão pode ser dificultada pela indiferenciação de conceitos e, por isso, não se constroem dúvidas a respeito do que se está estudando.

Por vezes, a dúvida pode desestabilizar a segurança e isso é considerado uma ameaça. Pode-se, assim, renunciar o conhecimento ao negar a dúvida, optando pela pseudosegurança que as certezas dão, acolhendo-as como duradouras. Nesse processo, renuncia-se o conhe-

cimento. Estabelecer o diálogo coloca o leitor na conquista da essência da inteligência do texto. Segundo Freire (1995, p.28), “uma das formas mais negativas de fugir à superação das dificuldades que temos [de compreensão] e não o texto em si próprio é proclamar a ilusão de que estamos entendendo, sem, contudo, pôr a prova nossa afirmação”.

O sujeito procura a coerência interna de suas explicações e a coerência com a realidade. Às vezes diferentes explicações do sujeito se contradizem entre si e então o sujeito as modifica para torná-las compatíveis. Outras vezes, é a contradição com a realidade que conduz à modificação. Igualmente, a contraposição das próprias explicações com as de outro sujeito constitui uma importante fonte de modificação das explicações (DELVAL, 2012, p.123).

Em síntese, um Fórum abre a possibilidade de estar com o outro, o que promove, por sua vez, a descentração do pensamento e a necessidade de coerência em função dos outros.

Com o outro e a partir do encontro com o outro se torna possível olhar diferente para si mesmo, ou seja, estranhar-se, ver-se de uma forma nova e, em função disso, rever o próprio pensar, transformando-o num pensar mais consistente e plural (COLLARES, 2015, p.24).

A aprendizagem para a orientação educacional

A complexidade das ações da OE impõe uma série de conhecimentos que darão consistência ao cotidiano de um contexto educativo, em especial ao contexto escolar. O limite tênue entre a ação científica e a de autoajuda estará sempre desafiando os profissionais desta área. Na primeira, seu conhecimento permitirá aos atores/autores das ações empreenderem um processo de aprendizagem efetivo no qual as interações entre os diferentes setores envolvidos sejam colaborativas. Na segunda, de autoajuda, poderá garantir o funcionamento das ações, mas num nível de inconsciência sobre o que as promovem e sustentam.

Uma ação reflexiva e científica promoverá o elo entre a docência e a discência, contextualizando-as no universo escolar e familiar, na busca

de compreensão dos acontecimentos. A OE sempre estará vinculada às ações práticas, sendo também participante e promotora delas numa relação indissociável e interdependente entre teoria e prática, sendo a reflexão uma ação teorizante.

Não podemos, no entanto, reduzir a leitura da ação prática a uma simples leitura. Ela é sempre uma leitura complexa, desde os níveis mais incipientes, porque a prática comporta inúmeros fatores interdependentes entre si e diferentes ações constituindo-a como tal (COLLARES, 2015, p.25).

Dessa forma, estar com o professor em diferentes momentos, individual e coletivamente, torna-se imprescindível e comporta contextos, tais como: sala de aula, observando a dinâmica das relações; encontros individuais, debatendo e estudando casos específicos; grupo formado por pares, compartilhando inquietações, estudando, levantando hipóteses, investigando em ação; encontros com familiares ou responsáveis; mediando com diferentes instâncias; coordenando dinâmicas interativas, etc. Esse processo promove a elaboração do universo que compõe o contexto a ser construído e compreendido, numa progressiva diferenciação, na qual:

[...] o universo se constitui de um conjunto de objetos permanentes, ligados por relações causais independentes do indivíduo e situados em um espaço e um tempo objetivos. Tal universo, em vez de depender da atividade própria, pelo contrário, se impõe ao eu enquanto compreendendo o organismo como parte de um todo. O eu toma, assim, consciência de si mesmo, pelo menos em sua ação prática, e se descobre enquanto causa entre os outros e enquanto objeto submetido às mesmas leis que os outros (PIAGET, 2003, p.359).

Na medida em que a Orientação Educacional se estabelece com o conhecimento referente à aprendizagem como processo e não como um produto final, compreendendo os fundamentos epistemológicos que a sustenta, poderá fazer mediações e intervenções que, ao mesmo tempo em que respeita a posição de seus colegas, porque as compreende, auxilia-os a refletir sobre suas ações e a compreender o processo vivenciado por todos que constituem este universo. Dessa forma, o

diálogo torna-se suporte da transformação do contexto. Do contrário, estabelecem-se normas comuns que promovem a contenção das ações na busca de resultados imediatos que, como tal, não serão duradouros, promovendo a heteronomia intelectual e moral de todos.

Na ausência da Orientação Educacional, o isolamento e a queixa, como defesa e catarse, são manifestações passíveis de observação em diferentes situações, não só no interior da escola, como nas famílias, nas comunidades, nas mídias. Nesse sentido, embora não seja objeto desta escrita, destaco a necessidade de reivindicar-se formação e cursos para estes profissionais nas redes públicas de ensino.

Momentos de crise e a Orientação Educacional

O contexto escolar é um contexto de crise, de conflitos, de rupturas, de tensões, pois comporta múltiplas diversidades em todas as instâncias que o compõem e em todos os níveis de desenvolvimento.

A palavra “crise”, de acordo com a sua raiz etimológica (deriva de “*krinen*” que, em grego, designa “separar, decidir”), significa que algum determinado processo (casamento, identidade pessoal, movimento social, instituição...) atingiu um ponto culminante, onde ela vai sofrer um desses dois destinos possíveis: 1) tanto pode deteriorar até o ponto de terminar; 2) em um prazo, curto ou longo, vai acontecer uma *modificação importante*, a qual pode representar ser um crescimento de natureza muito sadia, embora seja, quase sempre, bastante dolorosa (ZIMERMAN, 1999, p. 459).

São inúmeras as situações de crise nas quais a presença da Orientação Educacional desempenha um papel fundamental de apoio no contexto escolar. Desde o atendimento aos educandos à coordenação de ações que envolvem as relações interpessoais, a OE sempre se apresentou como fundamental ao estabelecimento do equilíbrio dinâmico impulsionador de novas realizações e à construção de segurança diante das incertezas do cotidiano escolar.

No entanto, talvez nenhum deles compare-se à crise estabelecida pela pandemia do Covid-19 e suas variantes. Nela encontra-se a necessidade do cuidado de si e dos outros, como e para a preservação da

vida, do ser acolhido e acolher medos, perdas e limites, das incertezas de futuro e das pressões externas para o retorno presencial.

Ser da Orientação Educacional ou poder contar com este setor nesses momentos de crise representa ter a possibilidade de superação, de posicionamento, de reflexão coletiva, de acolhimento e de ações propositivas. O Código de Ética dos Orientadores Educacionais do Brasil, registrado no Livro de Atas número 2 (Ata 88 – folhas 59 a 62), da Federação Nacional dos Orientadores Educacionais (FNOE, 1979), aponta como Dever Fundamental deste profissional (Cap. I, Art. 1º, alínea h) o “respeitar a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa humana”, o que implica pensar as relações humanas em sua contínua constituição e a reflexão de sua efetivação, consequências e implicações, uma necessidade permanente.

A disciplina e o contexto do curso

Ao encaminharmo-nos às reflexões finais deste breve texto, cabe destacar a importância dos fóruns na constituição da disciplina, uma vez que neles foram colocados aspectos pertinentes e que evidenciavam a complexidade teórica implícita nas ações empreendidas no contexto escolar e em outros contextos educativos, formais ou não formais, colocando em destaque a responsabilidade e o desafio para a Orientação Educacional. Nesse sentido, os fóruns ocuparam um espaço importante no exercício de interlocução teórica ensaiada pelos educadores que deles participaram.

A relevância da presença da Orientação Educacional foi sendo vislumbrada num movimento reflexivo de pensar-se a prática a partir das leituras e comentários e de pensar estes [leituras e comentários] tendo a prática e suas próprias experiências como referência. Igualmente, a presença da OE na transformação da escola e das concepções que ainda vigoram na educação, no estabelecimento de uma proposta de ensino reduzido à execução de tarefas e do tratamento hegemônico dos conteúdos programáticos foram aspectos levantados e que ficarão como desafios futuros à Orientação Educacional.

No entanto, algumas questões ficam a ser (re)pensadas no futuro

da posição da disciplina no contexto do curso. Por tratar de conteúdos abordados aparentemente já conhecidos, pois são tratados nos cursos de graduação de origem, e ser desenvolvida no início do curso, algumas questões ficaram em aberto, como o colocar-se no lugar da OE para pensar a aprendizagem como processo interdependente das relações interpessoais no interior da própria disciplina. Acredito que teria sido mais instigante e significativo se fosse apresentada após disciplinas referentes à atuação como profissional da Orientação Educacional.

Enfim, há muitas lutas e conquistas a serem construídas no processo de construção de identidades que deem visibilidade às ações dos atores/autores da educação no contexto escolar, tendo a Orientação Educacional como uma presença articuladora e promotora de propostas que acolham a singularidade e a diversidade como impulsionadoras de uma escola inclusiva, inquieta, acolhedora e dialógica.

Referências

CAMAS, N.P.V. A Literacia da informação na formação de professores. In: TONUS, M.; CAMAS, Nuria P. V. **Tecendo fios na educação: da informação nas redes à construção do conhecimento mediada pelo professor (orgs.)**. Curitiba: CRV, 2021.

COLLARES, D. Ação-reflexão-ação: do distanciamento à transformação. **Prospectiva**. Porto Alegre: AOERGS, 2015-2016.

DELVAL, J. Aprender investigando. In: BECKER, F.; MARQUES, T. (orgs). **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, p.115-128, 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ORIENTADORES EDUCACIONAIS DO BRASIL. Código de Ética dos Orientadores Educacionais do Brasil. **Prospectiva**. Porto Alegre: AOERGS (nº5 de outubro de 1979)

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem gosta de ensinar**. 7.Ed. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

PIAGET, J. **A Construção do Real na Criança**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003.

ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.